

O PALCO: QUADRA, PLAYGROUND E PÁTIO EM CENA: A APROPRIAÇÃO

Aline Tschöke¹

UFPR/CEPELS² – Licenciar³

Ana Paula Schneider⁴

UFPR/CEPELS – Licenciar

Karine Alcaraz⁵

UFPR/CEPELS – Licenciar

Luziana Cardoso Costa⁶

UFPR/CEPELS – Licenciar

Rafaela Silva Donato⁷

UFPR/CEPELS – Licenciar

Simone Moraes F. Dos Santos⁸

UFPR/CEPELS – Licenciar

RESUMO

Este estudo analisa as formas de apropriação dos espaços/ equipamentos lúdicos no ambiente escolar. Apoiado na pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico. Baseado na observação de duas escolas, uma pública e uma particular, durante o recreio, que atendem ao 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental, situadas na cidade de Curitiba-PR. Sendo assim optou-se pela análise dos espaços playground, pátio e quadra inseridos no ambiente escolar. Concluímos a partir dos resultados dessa investigação que estes espaços/ equipamentos possibilitam interessantes e diversificadas formas de apropriação e sociabilidade.

PALAVRAS CHAVE: Apropriação, Espaço/ Equipamento, Lúdico, Escola.

ABSTRACT

This study analyses the appropriation forms of ludic space/equipments in school's environment. Supported in a qualitative research of an ethnographic nature. Based on a two school observation, a public and a private one, during the class break, which attends the first

¹ Graduanda do 4º Ano curso de Licenciatura em Educação Física /UFPR, voluntária de iniciação Científica e bolsista do Licenciar.

² Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade.

³ Projeto de Pesquisa/Extensão financiado pelo Programa “Licenciar” vinculado á Pró-reitoria de Graduação da UFPR

⁴ Graduanda do 4º Ano curso de Licenciatura em Educação Física /UFPR, bolsista do Licenciar.

⁵ Graduanda do 4º Ano curso de Licenciatura em Educação Física /UFPR, bolsista do Licenciar.

⁶ Graduanda do 4º Ano curso de Licenciatura em Educação Física /UFPR, bolsista do Licenciar.

⁷ Graduanda do 4º Ano curso de Licenciatura em Educação Física /UFPR, voluntária de iniciação Científica e bolsista do Licenciar.

⁸ Graduanda do 4º Ano curso de Licenciatura em Educação Física /UFPR, bolsista do Licenciar.

and second Fundamental Teaching Cycles, located in Curitiba-PR. In this way it was choosed for analysis the playground, the school yard and the court spaces at school. We conclude from this research results that these spaces/equipments provide interesting and diversified forms of appropriation and sociability.

KEY-WORDS: appropriation, space/equipment, ludic, school.

RESUMEN

Este estudio analiza las formas de apropiación de los espacios / equipamientos lúdicos en el ambiente escolar. Apoyado en la investigación cualitativa, de cuño etnográfico. Basado en la observación de dos escuelas, una pública y una privada, durante el intervalo entre las clases, que atienden al 1º y 2º Ciclos del Enseño Fundamental, situadas en la ciudad de Curitiba-PR. Siendo así hemos elegido el análisis de los espacios «playground», pateo y cancha deportiva abarcados en el ambiente escolar. Concluimos, a partir de los resultados de esta investigación que estos espacios/ equipamientos posibilitan interesantes y diversificadas formas de apropiación y sociabilidad.

PALABRAS CLAVE: Apropiación, Espacio/ Equipamiento, Lúdico, Escuela.

O CONVITE

Este artigo é fruto das discussões realizadas pelo Projeto de Pesquisa/Extensão “*A escola e os espaços lúdicos*”, financiado pelo Programa “Licenciar” vinculado à Pró-reitoria de Graduação da UFPR, desenvolvido pelo Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS) situado no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Esse projeto teve início em 2003 e já publicou alguns artigos sobre seus estudos, os quais objetivam investigar como são planejados e vivenciados os espaços para as práticas lúdicas em escolas da cidade de Curitiba.

Partimos do pressuposto de haver uma limitação do espaço/ tempo de lazer no meio urbano para a fruição da cultura corporal. Causado por uma espécie de recuo em relação ao espaço do brincar, que tradicionalmente se dava nos quintais ou nas ruas. Hoje, brinca-se com brinquedos industrializados (enaltecidos pela mídia) em espaços limitados e pré-determinados para o lazer, com jogos que induzem a estática do corpo. Sendo assim a escola passa a ser um dos espaços mais privilegiados e acessíveis dos ambientes sociais para fruição da cultura corporal, apresentando-se como uma das mais importantes alternativas para que as crianças possam experimentar a dimensão lúdica. Torna-se então emergente para a área de Educação Física investigar tais espaços para auxiliar no planejamento e implantação de espaços lúdicos eficientes em escolas e em outros ambientes informais.

A Cultura Corporal que está sendo almejada nos espaços lúdicos é entendida neste trabalho como uma forma de comunicação social historicamente construída e acumulada pela humanidade. “Ela será configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, (...) jogo, esporte, ginástica, dança, ou outras...” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.62). Para que o homem possa se apropriar dessa cultura corporal ele deve dispor de “intencionalidade para o lúdico,...” (*idem. ibidem*).

Norteados pela seguinte questão “De que forma ocorre a apropriação dos espaços lúdicos em escolas da cidade de Curitiba, que atendem os dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental durante o horário do recreio?”. Apresentamos algumas formas de apropriação dos espaços/ equipamentos lúdicos no ambiente escolar.

Dessa forma o ponto principal neste estudo é a apropriação. Mas afinal, o que este termo significa? Segundo o dicionário⁹ é o ato ou efeito de apropriar; acomodação, adaptação. Seria então observar as adaptações e as acomodações que as crianças fazem no espaço/equipamento para interagir com ele. Nesse entendimento seguem algumas palavras de CERTEAU (1994 p.40):

Colocando-se na perspectiva da enunciação, objeto deste estudo, privilegia-se o ato de falar: este opera no campo de um sistema lingüístico; coloca em jogo uma apropriação, ou uma reapropriação, da língua por locutores; instaura um presente relativo a um momento e a um lugar, e estabelece um contrato com o outro (o interlocutor) numa rede de lugares e relações.

Ou seja, a apropriação acontece quando alguém estabelece um contrato com outros indivíduos e com o ambiente, através de diferentes formas de comunicação, evidenciando nesse estudo: a linguagem corporal. Isto porque, quando se trata de um contrato entre a pessoa e o objeto, o movimento acaba sendo o ponto direto de conexão. Percebemos tal fato quando ao mesmo tempo em que a criança influencia o espaço, fazendo com que ele se torne significativo, este espaço influencia a criança, muitas vezes determinando suas ações.

OS BASTIDORES

Para o presente estudo, adotou-se como processo metodológico a etnografia, tendo como referência a análise cultural proposta por GEERTZ. Estamos entendendo por praticar a etnografia a ação de “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 1989, p.15).

Nessa mesma perspectiva entendemos a análise cultural como sendo “... uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas e não a descoberta de um Continente dos significados e o mapeamento da sua passagem incorpórea”.(idem, p.30/31).

Foi então realizada uma descrição densa de alguns espaços escolares, conectando esses dados com uma análise interpretativa através de observações sistemáticas. Utilizamos esses procedimentos com a intenção de abordar qualitativamente alguns aspectos relacionados à apropriação dos espaços lúdicos.

Os caminhos metodológicos escolhidos se materializaram em algumas etapas. A primeira foi a seleção de duas escolas, entre 21 anteriormente analisadas, sendo que estas foram consideradas as melhores entre as pesquisadas na etapa de qualificação¹⁰ dos espaços. Estas escolas em foco atendem ao público do 1º e 2º ciclos do ensino fundamental, sendo uma pública e a outra particular, ambas na cidade de Curitiba-PR.

Para verificar esta apropriação escolhemos a observação como instrumento metodológico. Esta “...revela-se certamente nosso privilegiado modo de contato com o real: é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos pessoas, emitimos juízos sobre elas”(LAVILLE, 1999, p. 176). Optamos assim por uma técnica intermediária de observação, pois as ações almejadas (apropriação) não são facilmente circunscritas a priori, por isso

⁹ Definição retirada do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa., Enciclopédia Britânica do Brasil. Volume 01, p 170.

¹⁰ Mais informações sobre esta etapa no artigo: ESPAÇOS DA SOCIABILIDADE, DA BRINCADEIRA E DO ESPORTE EM ESCOLAS DA CIDADE DE CURITIBA, publicado nos anais do III Congresso Sulbrasileiro de ciências do esporte, inserido no GTT: Lazer e recreação. Ano: 2006.

recorremos a uma abordagem adaptada ao nosso objeto de estudo. Isto é, registramos os espaços já pesquisados para que fossem colocados em foco, observamos na prática as formas de apropriação nesses espaços, e simultaneamente o ambiente como um todo. Desta forma identificamos diferentes locais não determinados anteriormente no roteiro de pesquisa, mas apropriados de forma lúdica pelas crianças.

Por sua significativa importância os termos espaço e ambiente são compreendidos neste trabalho como:

O termo “espaço” se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo “ambiente” diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos; em relação ao ambiente, as mais subjetivas. (FORNEIRO, In: HORN, 2004, p.35).

Na prática foram feitas duas observações em cada escola em dias alternados com grupos distintos, sendo que se revezaram na pesquisa de campo seis pesquisadores, atendo-se ao horário do recreio. É relevante destacar que durante as observações os pesquisadores não mantinham nenhum tipo de comunicação, para assegurar a pluralidade de olhares diante da realidade. Foram feitos durante as observações os devidos registros em relatórios de campo, e depois de finalizadas as descrições, partimos para reflexão dos dados coletados.

CENA 1: Além das Quatro Linhas

No período de observação constatou-se na escola pública, no momento do recreio, um grande número de meninos, divididos em dois times, entretidos ao jogo de futebol. Na cancha de areia alguns meninos brincavam de fazer embaixadinhas com a bola. Já as meninas se revelavam ao redor destes espaços, amedrontadas com a possibilidade de levarem uma bolada.

Na entidade particular o espaço de uma quadra poliesportiva, foi projetado de forma a possibilitar três jogos simultâneos. O espaço é ocupado pelos meninos, onde seis times jogam sem grandes preocupações com diferenças de idade e estatura. Na cancha de areia alguns meninos brincam com uma bola e as meninas brincam de fazer “comidinha de areia”.

Ao analisar o espaço da quadra poliesportiva, priorizando a sociabilidade, percebemos que muito embora, a mesma seja possuidora de linhas demarcatórias criadas com fins específicos a jogos esportivos sistematizados, tal especificidade são superadas pelas crianças, em função de suas relações sociais.

Na cancha de areia, por sua vez, percebeu-se a apropriação em função das vivências e representações¹¹ anteriores de cada um, bem como as sensações que a areia proporciona individualmente. Enquanto alguns meninos fazem uso deste espaço em função de algumas práticas desportivas, as meninas remetem suas práticas aos dotes domésticos. Segundo DAÓLIO (2003), “as diferenças motoras entre meninos e meninas vão além de determinações das características biológicas”, no entanto, são para ele “determinadas e construídas culturalmente”. Não tão distante de nossa realidade, vemos tanto nós quanto as crianças cotidianamente deparadas à classificação de: cores, brinquedos, atitudes e atividades, pertinentes a meninos ou a meninas, a homens ou mulheres. Dificilmente as crianças tão

¹¹ Segundo CHARTIER (1990) compreender as representações de um determinado grupo, é compreender a sua concepção do mundo social, os valores que lhe cabem, o seu domínio e o porque da tentativa de imposição diante outros grupos, caracterizando um conflito de representações.

amalgamadas a estes valores de comportamentos, não as exteriorizassem espontaneamente em suas vivências escolares.

Ao percebermos o desequilíbrio de apropriação da quadra entre meninos e meninas, fez-se necessário uma reflexão a respeito de como se dá o processo de liberdade e controle. Inicialmente pode nos parecer difícil pensar no termo controle no espaço do recreio, que em suma prioriza momentos de tempo livre com objetivos recreativos. No entanto, quando compreendemos o recreio como um momento das crianças expressarem corporalmente sua cultura, tão logo nos possibilitaremos visualizar algumas formas de comportamento que podem significar liberdade de uns e controle de outros. Na quadra, por exemplo, a liberdade de apropriação deste espaço, acaba se limitando aos meninos em detrimento as meninas. Várias explicações que vão desde: relações historicamente estabelecidas, vivências anteriores a até mesmo características de atividades que são praticadas neste espaço, podem influir neste desequilíbrio entre meninos e meninas.

Nos tipos de brincadeiras observadas na escola pública, a quadra é ocupada por um grande número de meninos entretidos em um jogo de futebol. Os goleiros, quando se apercebem de um momento de “folga”, dependuram-se na trave do gol e impulsionam seus corpos em movimentos de balanço.

Em relação a apropriação, as crianças sentem-se desafiadas corporalmente a se apropriar do espaço que a quadra possibilita por meio de diferentes formas, mas tendo ainda a prática esportiva do futebol como referência. Entretanto, percebe-se o quanto as crianças são criativas e se apropriam destes espaços conseguindo em determinados momentos ultrapassar a funcionalidade que determinado ambiente impõe.

CENA 2: O “gira- gira” no *playground*

Foram encontrados na escola particular dois tipos de *playground*: um feito de plástico e ferro e outro rústico de madeira. O primeiro sempre é mantido fechado no horário de recreio, já o segundo é liberado para os alunos, porém, suas apropriações não vão ao encontro dos interesses funcionais deste espaço, pois as crianças optam por permanecerem sentadas em maiores ou menores grupos conversando. Acreditamos que, para que um espaço possa realmente ser atrativo e significativo a determinado grupo, este deve incidir-se as motivações de apropriação, de uso, que oportunizam o estabelecimento de um contrato corporal a este local.

No que concerne aos tipos de brincadeiras que puderam ser observadas na escola pública, destacamos a diversidade com que os alunos brincavam nesse espaço, como por exemplo: ficar em pé no escorregador, de ponta cabeça na estrutura da balança (composta apenas da “armação”, sem as balanças), conversando no trepa-trepa e ainda em pé na gangorra. Nota-se então que o *playground* é um espaço muito rico a multiplicidade de uso das crianças que leva a movimentos de desafios corporais, uso da criatividade, de construção de brincadeiras e ainda de incentivo as relações sociais.

Neste espaço a areia também se fez presente atuando como reflexo da sociedade dentro da escola na questão de conflito entre os sexos (meninas “cozinham”, meninos atrapalham). Nesse sentido CONNELL citado por ALTMANN e SOUSA (1999) lembra que, se os corpos assumem a organização social, a política e as normas religiosas e culturais, também é por seu intermédio que se expressam às estruturas sociais. Assim, há uma estreita e contínua imbricação entre o social e o biológico.

Por vezes se podiam perceber desentendimentos entre meninos e meninas, no qual repentinamente uma inspetora da escola intervinha para controlar a situação, não mantendo

apenas a integridade física dos alunos em momentos conflituosos, mas também de forma a interferir em brincadeiras que segundo a visão da mesma não era concernente ao espaço apropriado. Tal intervenção controladora das formas de apropriação deste espaço desenvolvia nas crianças uma desmotivação de uso do local, pois suas potencialidades criativas não podiam ser exteriorizadas nesse ambiente lúdico. Mesmo assim, o playground em nenhum momento ficou sem apropriação, notando-se que os “grupinhos” de alunos permaneciam por um curto período de tempo no local, estabelecendo constantemente um, “gira-gira” de grupos que se apropriariam do espaço.

Na instituição particular percebeu-se um desinteresse por parte dos alunos em relação a apropriação do playground, podendo ser em relação a diversos fatores, desde acesso a vivências corporais em outros ambientes, até as formas de acesso ao local.

CENA 3: Pátio: bem além do lanche

O espaço pátio é um dos mais representativos dentro do ambiente escolar, por todas as relações e convivências escolares passarem por ele tornando-o muito importante e fazendo com que mereça uma análise cuidadosa.

Percebeu-se nas escolas observadas que o pátio possui uma variedade de atrativos que possibilitam aos alunos diversas vivências. Quanto a organização do espaço/equipamentos na escola particular estes atrativos vão desde o chão que é todo colorido até os jardins que estão presentes transformando o pátio em um espaço agradável e não somente em um espaço vazio e de chão frio, onde são feitas as filas para a entrada nas salas.

Já a escola pública apresenta uma menor variedade de pinturas e adereços, no entanto o pátio não deixa de ser palco de muitas brincadeiras e conversas. O uso e apropriação dos espaços/equipamentos é percebido de diferentes formas como é o caso de uma casinha com um banco de madeira, local construído com o objetivo de espera à condução escolar. Muito embora, este local tenha um fim específico, os alunos apropriam-se dele segundo suas necessidades como, por exemplo, de cabide deixando as blusas penduradas ou como ponto de referência das mais variadas brincadeiras. Árvores, postes, portão, mastro da bandeira, morrinho, mesas de jogos sem peças **tudo** é aproveitado pelos alunos, **tudo** acaba transformado em brinquedo. Os alunos são muito ativos e na hora que o sinal soa é geral a relutância para continuar naquele espaço.

Contudo no pátio da escola particular apesar da maior quantidade de decorações e equipamentos o recreio demonstra mais passividade. O espaço é proporcionalmente maior para a demanda de alunos e estes notavelmente são menos ativos.

Quanto aos tipos de brincadeiras presenciadas nesta escola são os jogos¹² tradicionais como o caçador e o futebol ou jogos como “Verdade ou Desafio” no qual os alunos ficam sentados em roda. Equipamentos, como a amarelinha desenhada no chão, não são utilizados e muitos alunos optam em ficarem andando pelos corredores ou lanchando calmamente em algum canto do pátio.

¹² Segundo o COLETIVO DE AUTORES: “O jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente”.(1992, p.66)

Na escola particular os brinquedos utilizados no recreio são todos dos alunos, desde a bola até os *notebooks* da *Barbie*, diferente da escola pública, onde os alunos podem levar seus brinquedos, mas a maioria dos materiais¹³ são cedidos pela própria escola.

Neste contexto dos brinquedos presentes no momento do recreio, pôde-se perceber o quanto às crianças aderem às atividades dirigidas ao público infantil através da indústria cultural. Brinquedos, ídolos, filmes e restaurantes são instrumentos utilizados de forma a adequar a infância aos valores da ideologia vigente. A exibição televisiva tem promovido tal acontecimento, pois a criança durante o seu período de entretenimento como espectador aos mais acessíveis programas infantis incluem em seus intervalos persuasivos anúncios publicitários direcionados a este público, induzindo-os ao consumismo desenfreado da indústria cultural.

Na escola particular os brinquedos da indústria cultural se fazem mais presentes provavelmente pelo fato das famílias possuírem condições financeiras mais acessíveis ao consumo de tais mercadorias. Já na escola pública, tais objetos não são totalmente ausentes, porém menos frequentes.

Outro fato que podemos analisar a respeito dos materiais utilizados pelos alunos é a questão da privação de vivências corporais lúdicas pelos alunos da escola particular. É muito provável que a maioria tenha sido privada das brincadeiras de rua¹⁴ e acostumada a desenvolver atividades sistematizadas, fato que pode ser confirmado nas brincadeiras como “Verdade ou Desafio” e jogos computadorizados. Já os alunos da escola pública demonstram uma maior vivência com as “brincadeiras de rua”, fato comprovado com as brincadeiras de subir e pular em pneus e até mesmo o diferente uso do balanço e do escorregador do *playground*¹⁵. Mesmo com as diferenças, os tipos de brincadeiras são as mais variadas e o mundo da imaginação é contemplado nas duas escolas. “Siga o Mestre”, mini game, imitação de monstros e casinha são as mais vistas na escola particular. Já na escola pública pular elástico, dançar o RBD¹⁶, subir em árvores, jogar bafo, fazer de cavalinho o colega, cabo de guerra e brincar de bobinho são maneiras de se divertir.

Nas escolas observadas existem inspetores responsáveis por manter a ordem no horário do recreio. Na escola particular essa figura de controle não intervém tanto quanto na escola pública. Isso pode ocorrer pelo fato dos alunos da escola particular não brincarem tanto de jogos de correr ou pular, o que é um fator diferenciador em relação a escola pública, na qual durante todo tempo, as inspetoras precisam intervir.

Como o pátio é um lugar rico de acontecimentos que estabelecem as mais diversas relações sociais, ele acaba se tornando um local onde a sociabilidade entre os alunos e alunas é evidente. Assim sendo, foi possível perceber que nas duas escolas os alunos formam pequenos grupos e a idade é um fator determinante nessas divisões.

Um fator interessante a relatar é que mesmo sabendo que de 1ª a 4ª série as crianças encontram-se em uma fase que existe uma rejeição aceitável do sexo oposto nas duas escolas

¹³ Exemplo dos materiais disponibilizados pela escola municipal: corda, som, bolas. Já os alunos levam peão, figurinhas e elástico.

¹⁴ Entendemos por brincadeiras de rua, atividades sem inspeção de adultos, estabelecidas pelo próprio grupo praticante.

¹⁵ Mais informações sobre esta etapa no artigo: ESPAÇOS DA SOCIABILIDADE, DA BRINCADEIRA E DO ESPORTE EM ESCOLAS DA CIDADE DE CURITIBA, publicado nos anais do III Congresso Sulbrasileiro de ciências do esporte, inserido no GTT: Lazer e recreação. Ano: 2006.

¹⁶ RBD (Rebelde) Grupo Musical Mexicano. Febre da indústria cultural com as meninas da faixa etária dos 7 aos 12 anos.

foi possível ver brincadeiras que envolviam ambos os sexos. Algumas das brincadeiras que nos chamaram a atenção e que foram vistas na escola particular foi o “Caçador” e o jogo de “Verdade ou Desafio” que tinha times mistos. Observamos também que quanto menor a faixa etária mais brincadeiras mistas aconteciam, ou seja, com o desenvolvimento e o entendimento dos gêneros e das diferenças entre meninos e meninas, a segregação começa a ser mais exaltada.

Outro fato instigante nas duas escolas foi a formação dos grupos. Na escola particular percebemos que em meio ao todo existia um grupo em que só havia alunos obesos e isso deixou clara a sensação de identidade e exclusão que existe entre as crianças. Na escola pública, no entanto não percebemos a existência de alunos obesos, entretanto observamos a exclusão de alguns alunos de faixa etária mais avançada que ficam desconectados do todo da escola.

Estes fatos demonstram o quanto a sociabilidade é percebida e reafirmada no espaço/equipamento do pátio e como estas experiências são vivenciadas no processo de afirmação e crescimento dos alunos.

(NÃO) FECHANDO AS CORTINAS

Por tomarmos como premissa que a escola e, em especial o momento do recreio, possui significativa importância às crianças no desenvolvimento de suas potencialidades: corporais, lúdicas, criativas, sociais e inúmeras outras. Nessa mesma perspectiva o recreio como pode ser visto como “... um espaço que garante o direito da criança brincar. Assim, a escola assume um papel fundamental na promoção do jogo e na criação de rotinas de vida ativas.” (PEREIRA 2006, p. 23)

Ao iniciarmos pelo o período de tempo que se dá o recreio, relevamos algumas reflexões referentes ao mesmo. Em uma obra de VAGO (2003), é discutida a relação que o tempo estabelece com o ambiente escolar, o autor descreve que “são múltiplos e diversos os tempos que constituem uma ordem social escolar”, tal multiplicidade são “sempre tempos pessoais e institucionais, individuais e coletivos” e a busca de sua delimitação proporrá inúmeras trajetórias de institucionalização, o que tornará o tempo escolar difícil de desconectar com os tempos sociais que interagem com a escola. Essa reflexão se faz necessária quando percebemos a forma que se delimitou o tempo do recreio, interferindo substancialmente nas apropriações do tempo e espaço dos alunos neste período.

Na escola pública os alunos lancham na sala de aula e o recreio é usado exclusivamente para as brincadeiras, já na escola particular o tempo do recreio tem que ser administrado pelos alunos entre o lanche e o brincar. É notável que o tempo reduzido do recreio é um dos fatores que reflete significativamente na agitação dos alunos e é fator determinante na questão da euforia dos mesmos, o que muitas vezes é confundido na escola como horário de “bagunça”, desrespeito ou violência, o que tem desqualificado de certa maneira a importância desse tempo lúdico no ambiente escolar.

As relações sociais entre meninos e meninas indicam características diferenciadas referentes ao desenvolvimento biológico e cultural. Percebemos que a idade é um fator marcante para a formação de grupos de sexos diferentes, entre as crianças. O reflexo no âmbito das experiências corporais dessa distinção são pontuadas por construções históricas culturais, no qual se fizeram perceber a aderência de atividades esportivizadas exclusivamente masculinas, e aderência a atividades mais expressivas, como dança e brincadeiras simbólicas, aos grupos de meninas. Por exemplo, em ambas as escolas quem jogava futebol eram os meninos e quem dançava eram as meninas.

No espaço da quadra as linhas demarcatórias que determinam uma certa funcionalidade ao local são superadas pelas crianças, em função de suas relações sociais, pois notou-se a possibilidade de apropriação desse espaço tanto em grupos menores, como em maiores. Mesmo com a influência da esportivização do futebol neste espaço, as atividades sofrem um processo de recreação pelas crianças, os jogos tornam-se brincadeiras sem sistematização, as vezes apóiam o balanço de seus corpos e a liberdade é associada à criatividade.

No *playground* o que se pode perceber é que este espaço é privilegiado pela plasticidade de apropriações que o mesmo proporciona. Questões de inovação de *designer* e material do *playground*, não se estabelecem como decisivas ou diferenciais à efetivação de sua apropriação. Na escola pública, por exemplo, mesmo sem significativas inovações no *playground*, os alunos se apropriaram mais efetivamente e de forma bem diversificada do *playground*, quando comparado à forma de apropriação em que se deu na escola particular. Infere-se que isso ocorra a partir de diversos aspectos, desde as diferenças na quantidade de espaços/equipamentos, as diferentes formas de experiências corporais, a intervenção de adultos até a disponibilidade de tempo.

O pátio é sem dúvida um lugar rico de acontecimentos que estabelece as mais diversas relações sociais. Nele se percebeu que o número de equipamentos presentes não influencia diretamente a apropriação das crianças, visto que na escola pública foram encontradas diferentes formas de apropriação deste espaço mesmo com um número reduzido de equipamentos, na escola particular com uma estrutura física mais economicamente favorecida foi observado um recreio quase estático com pouca diversidade de apropriações.

Concluimos a partir dos resultados dessa investigação que estes espaços/ equipamentos possibilitam em diferentes intensidades, interessantes e diversificadas formas de apropriação e sociabilidade. Nesse sentido:

...Nos recreios as crianças tomam decisões, escolhem o grupo de jogo, definem quando devem iniciar e terminar o jogo, as regras, etc. Os recreios são espaços onde o jogo espontâneo e a actividade física podem ser encorajados, se para isso dermos um pouco mais de atenção a esses espaços e equipamentos. São espaços de criatividade, as crianças recriam os jogos, improvisam e inventam novas brincadeiras. (PEREIRA, 2006, pg.24-25)

Nesse momento não estamos fechando as cortinas desse “espetáculo”, mas sim encerrando o Primeiro Ato de nossas reflexões. Como próxima etapa nos propomos voltar à estas escolas com dinâmicas pedagógicas, objetivando investigar a partir da “fala” dos alunos a efetividade de tais espaços e equipamentos, além de avançar de um modo geral nas reflexões sobre a escola e os espaços lúdicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, H. SOUSA, E. S. de. **Meninos e meninas:** expectativas corporais e implicações na educação física escolar. <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf> . Acesso em 20 mar. 2007
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.119p.
- CHARTIER, R. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa:Difel, 1990.
- DAÓLIO, J. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de tranformar meninas em “antas”. In: **Cultura:** educação física e futebol. 2ª ed. Campinas: editora da UNICAMP, 2003, p. 107-122.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. LTC – Livros técnicos e científicos Editora S. A ., 1989.

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAVILLE, C. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**; trad. Heloísa Monteiro e Francisco Settineri-Porto alegre: Editora Artes médicas Sul Ltda; Belo horizonte: Editora UFMG, 1999.340p.

PEREIRA, M. B. O. **Lazer e educação na infância. Pensar os espaços de recreio**. In: CARVALHO, J. E. (org.). **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Coleção educação física I. Curitiba: Champagnat,2006.

VAGO, T. M. **A educação física na cultura escolar: discutindo caminhos para a intervenção e a pesquisa**. In: BRACHT, V.; CRISÓRIO, R. (orgs.) **A Educação física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. São Paulo: Autores Associados; Rio de Janeiro: PROSUL, 2003.

Aline Tschöke

Rua Generoso Marques, 1566. Campo Largo-Paraná

aline_tschoke@ibestvip.com.br

CEP: 83601-050